

Pluralidade, tolerância e multiculturalismo como conceitos para a Educação Física Escolar

Rubens Antonio Gurgel Vieira

Este texto possui o objetivo de suscitar algumas questões relativas aos conceitos de pluralidade, tolerância e multiculturalismo, através da leitura do texto do sociólogo italiano Bobbio (1992): “As razões da tolerância”; sua análise é ampliada em conjunto com o texto de Neira (2007): “Sociedade, multiculturalismo e Educação Física”; por fim, buscam-se paralelos e críticas dos conceitos com a questão da pluralidade. A esperança é de que a ampliação de tais conceitos forneça subsídios teóricos para a melhor compreensão do papel de uma Educação Física Escolar na escola, numa atuação atenta para a necessidade de uma sociedade melhor do que a que se apresenta, do ponto de vista da igualdade.

Bobbio (1992) apresenta algumas razões pela qual a tolerância é cultivada e praticada. Para tanto, divide seu texto em onze trechos com o qual apresenta significados marcadamente diferentes para se compreender a tolerância, bem como algumas nuances históricas. Para Bobbio, o significado historicamente predominante da palavra tolerância é do da convivência de crenças (primeiro de cunho religioso, depois político). Atualmente generalizou-se para os problemas relativos a outras minorias, como nas políticas das diferenças.

No seu primeiro enxerto, o autor afirma que uma coisa é o problema da incompatibilidade das verdades, outro é o problema dos preconceitos sociais e culturais contra a diversidade. Da mesma maneira, são duas formas de intolerância, sendo a primeira derivada da convicção de possuir a verdade, e a segunda de um preconceito ou estigma social de diversas fontes. Apesar do texto do autor focalizar a primeira forma de tolerância, buscaremos um paralelo com a tolerância no sentido da convivência das inúmeras diferenças que atuam no mundo contemporâneo.

Na terceira parte de seu texto, Bobbio apresenta a primeira razão da tolerância. Para alguns grupos de pessoas, a tolerância é vista como um mal necessário, para evitar reforçar as resistências com perseguição. Esta primeira razão da tolerância exposta pelo autor é considerada inerentemente prática ou política.

Aqui a tolerância é utilitária, permissiva e atenta pelos dominantes para evitar escândalos e revoltas. Também é uma forma de tolerar necessária para os mais fracos, para evitar a destruição. Por fim pode ser utilizada como efeito de troca entre iguais, como forma de evitar um confronto que seria penoso para ambos. Em todos os casos, em nada preocupa o problema da verdade.

Na próxima parte, uma razão ligeiramente superior, do ponto de vista moral e de acordo com Bobbio, é a tolerância como método de persuasão em vez do uso da força ou coerção. Ao recusar o caminho da violência, aposta-se na humanidade do outro, na vitória natural de uma suposta verdade única, evitando a maculação de todas as verdades. O principal aqui é a constatação de que não há renúncia a verdade, mas a convivência com outras verdades e concomitantemente a aposta na vitória de sua verdade pessoal ao longo do tempo.

Para além das razões de método, de tolerância como forma de convivência, encontra-se a razão de tolerar que diz respeito a moral da pessoa alheia, sem renúncia a própria verdade, mas através de um princípio moral absoluto. Há o conflito entre uma razão teórica e uma razão prática, entre crença e moral. A tolerância não seria desejada por ser útil ou politicamente eficaz, mas por ser um dever ético, sem ceticismo ou indiferença.

As três doutrinas anteriores consideram a tolerância de seu ponto de vista prático, mas também há a análise teórica, quando as verdades são múltiplas. Tolerância seria necessária no trato complexo da natureza da verdade. A tolerância aqui existe porque a realidade é demasiada complexa para ser explicada por apenas uma verdade, de modo que todos os pontos de vista são válidos.

Ampliando a questão, Bobbio apresenta na sétima parte do texto dois significados do termo tolerância, sendo um positivo e outro negativo. O sentido positivo está relacionado com todos os efeitos benéficos da convivência tolerante, no entanto o sentido negativo diz respeito à permissividade e ausência de valores, concepção muito utilizada pelos defensores da intolerância. A intolerância, que também pode ter suas boas razões, também pode ser compreendida em positiva ou negativa, inversamente relacionada com as razões anteriores. No entanto, inexistente a tolerância absoluta, tampouco há uma interpolação simples, pois o autor aponta para a existência de um continuum entre os extremos.

O autor critica a teoria de Marcuse quando este atrela sua concepção de tolerância a idéias, atribuindo como tolerante ou intolerante de acordo com seu

alinhamento com idéias consideradas progressistas ou reacionárias. A crítica é em cima da substituição de uma verdade pela outra, característica da intolerância.

Mas para Bobbio não se trata de defender a tolerância sem fim, pois não há concepção de tolerância que abranja todas as idéias, e sim sobre os critérios utilizados para a exclusão de determinadas idéias. O núcleo da idéia de tolerância é o reconhecimento do igual direito a conviver que é reconhecido a doutrinas opostas, bem como a aceitação da possibilidade do erro honesto da verdade, e da irredutibilidade de todas as verdades.

Na décima parte do texto, Bobbio afirma que o único critério razoável para os limites da tolerância são os intolerantes. No entanto há várias gradações de intolerância e são vários os locais de sua manifestação, o que na prática pode gerar uma liberdade sempre em perigo por contemplar em seu seio os intolerantes. Assim temos duas escolhas, a convivência com a intolerância latente, ou a luta constante contra a mesma. Ambas as escolhas são difíceis e não podem ser generalizadas a todas as situações, nem facilmente defendidas com argumentos racionais. Nem mesmo os acontecimentos passados podem ser utilizados como exemplos, pois a história se mostra muito ambígua para facilitar a decisão.

Após a apresentação das idéias de Bobbio, procuraremos agora realizar uma ponte com a literatura da Educação Física através do campo curricular, das teorias pós-críticas e, em especial, com o conceito de multiculturalismo. Há diferentes posicionamentos dos professores no que diz respeito aos objetivos, objeto de estudo e metodologia da Educação Física na escola, sempre defendendo certos posicionamentos e condenando outros.

Distintas concepções implicam em diferentes formas de selecionar e organizar os conteúdos, pois visam formar pessoas distintas. Para Silva (2007) quando determinamos o que vai ser ensinado, estamos elaborando um currículo, justificando critérios de seleção de uma ampla gama de conhecimentos, baseados naquilo que consideramos importante para a formação de determinadas pessoas. Esta escolha está intimamente ligada com a concepção de sociedade, valores e representações daqueles que decidem, ou seja, com uma identidade social considerada socialmente desejada.

Neira & Nunes (2006) inspirados em Silva (1995 e 2002), acreditam que toda tendência pedagógica é uma teoria curricular, de modo que distinguem vários currículos tradicionais na história da Educação Física no Brasil: o currículo

ginástico, o currículo técnico-esportivo, o currículo globalizante, o currículo desenvolvimentista e o currículo saudável.

No entanto, diante da diversidade cultural que possui acesso ao processo escolar neste início de século, consideramos estas concepções curriculares acrílicas, pois se esforçam para naturalizar as relações e processos de aprendizado na escola baseados nos interesses específicos dos grupos dominantes. Por conta disso, advogamos que a concepção de Educação Física Escolar apoiada na teorização cultural, com destaque para as correntes pós-críticas, se apresenta como a melhor opção para a configuração atual e conseqüente enfrentamento às injustiças que grande parte da população é submetida.

Nas palavras de Neira (2007), “... o desafio do século XXI é o pleno exercício dos direitos humanos com a garantia do princípio da igualdade a partir do reconhecimento da diversidade, ou seja, a equidade”. Portanto, deixa de ser objeto da Educação Física Escolar o movimento humano e suas taxionomias, seu funcionamento biológico e conseqüências para a saúde, sua relação com aspectos psicológicos. No currículo pós-crítico, estas abordagens deixam de considerar as diferenças sociais e culturais, colaborando na manutenção de uma sociedade distante dos objetivos da equidade.

Ao se fundamentar nas teorias pós-críticas, uma abordagem de Educação Física Escolar pode se inspirar nos aportes teóricos do pós-modernismo, pós-estruturalismo, pós-colonialismo, Estudos Culturais, estudos de gênero e etnia e multiculturalismo, particularmente importante nesta análise, além de outras fontes teóricas que existam ou ainda venham a ser formuladas (Neira & Nunes, 2009). Neira (2007), a partir de Kincheloe e Steinberg (1999), coloca a educação multicultural como possibilidade de enfrentamento a esta diversidade de posicionamentos sociais e culturais.

Ampliando os conceitos de multiculturalismo, McLaren (1997) identificou vários posicionamentos com relação à temática da diversidade: multiculturalismo conservador ou monoculturalismo, multiculturalismo liberal, multiculturalismo pluralista, multiculturalismo essencialista de esquerda e multiculturalismo crítico. Isto colocado, procuraremos compreender estas formas de multiculturalismo e relacionar com as compreensões de tolerância de Bobbio.

A análise de Neira (2007) a partir de McLaren (1997) aponta que não há categorias estanques, mas posicionamentos semelhantes que permitem uma análise

categorizada para maior compreensão. O monoculturalismo é claramente a favor da manutenção de uma cultura dominante, sendo um grupo constantemente acusado de racismo, sexismo, entre outros preconceitos. A ação deste grupo cultural é alinhada com a primeira forma de tolerância apontada por Bobbio, compreendida de forma utilitária e estratégica na luta pela dominação. Em certos casos extremos, nem mesma esta forma de tolerar se torna presente, havendo somente a pura intolerância ao diferente, ao Outro.

Em um sentido negativo da palavra, tolera-se como forma de manter a configuração social favorável enquanto se articula ações de menor visibilidade visando o ganho de maiores benefícios. Como exemplo disso podemos citar o acordo brasileiro com a Santa Sé, realizado sem o destaque necessário na imprensa e sem uma discussão mais ampla da sociedade civil. Tal ato de tolerar é muito criticado pelas compreensões mais críticas do multiculturalismo, pois se percebe seu caráter manipulador e estratégico, que terminam por imprimir a palavra tolerância um sentido pejorativo.

Como apontado por Neira (2007), alguns currículo da Educação Física Escolar apóiam grandemente esta forma de multiculturalismo e tolerância, como o currículo esportivista. No entanto, Bobbio nos mostra que tolerar pode significar muitas coisas. Neste ponto, temos o apóio das teorias pós-estruturalistas que concebem o significante sujeito ao atrelamento de muitos significados, de acordo com o contexto e lutas por significação. Essencializar a palavra tolerância em seu sentido negativo, de passividade das minorias e estratégia manipuladora das majorias, pode ter efeitos de verdade nocivos aos locais de luta por representatividade e protagonismo social. Através da ampliação destas questões, talvez seja possível abrir o leque de ferramentas analíticas da compreensão da dinâmica social e cultural.

Para Fischmann (2001), o conceito de tolerância, na sua possibilidade de mobilizador de consciências, não pode ser compreendido em seu sentido trivial. Desta forma, se demonstra o sentido fluído do conceito, acrescentando esta concepção de tolerância como respeito, aceitação e apreço pela diversidade cultural. Nas palavras da autora, “A tolerância é harmonia na diferença. Não só é um dever de ordem ética; é igualmente uma necessidade política e de justiça”.

O multiculturalismo liberal se apresentou como uma alternativa ao monoculturalismo. Nesta visão, todas as culturas possuem seu espaço, mas o

enfoque está nas características que se apresentam em todos os seres humanos, minimizando as diferenças. A crítica para esta concepção reside no fato de que as diferenças são minimizadas como forma de evitar o confronto com a cultura dominante, e os aspectos tolerados acontecem somente na dimensão cultural, no âmbito particular de cada indivíduo. O sujeito oprimido está livre para expressar seus valores e crenças, mas não para colocar em xeque as estruturas que favorecem os sujeitos favorecidos.

A segunda forma de tolerância descrita por Bobbio, que vê no ato de tolerar uma maneira de persuadir e convencer a veracidade da sua própria verdade sem o uso da coerção, também pode ser encontrada nas demonstrações do multiculturalismo liberal. Assim, tolerância é a capacidade de permitir a expressão das minorias, sem, no entanto o aprofundamento necessário para questionar as opressões sobre esta expressão. Novamente, o ato de tolerar possui sentido negativo na luta por uma sociedade igualitária.

Adentramos um ponto interessante na discussão, a questão da pluralidade. O multiculturalismo pluralista, de acordo com Neira (2007), possui ampla participação no imaginário do professorado, e tem a convicção na proclamação da diversidade humana e igualdade de oportunidades. O paralelo aqui é com a tolerância como um dever ético, como descrita por Bobbio, onde não há renúncia a própria verdade, mas um princípio moral absoluto em tolerar o diferente.

Na crítica de McLaren (1997) desenvolvida por Neira (2007) para a Educação Física, o pluralismo acentua as características homogeneizantes da globalização e neoliberalismo, ao afirmar que a democracia abarca os direitos de todos os cidadãos. A diversidade é valorizada, exaltada, vira produto. Porém, a solução para os confrontos da diversidade é a “alfabetização cultural”, da cultura dominante, obviamente. Desta forma, se acredita que ao oportunizar a todos uma adaptação aos valores dominantes, se está contribuindo para um mundo menos desigual. O problema se encontra no fato de que esta forma de valorização cultural está a largo das operações de poder. Reforçar as identidades dentro de um aspecto psicológico deve possuir seus benefícios, mas em nada contribui na luta contra as desigualdades se não operar nas tramas do poder dentro dos “castelos” políticos que definem as estruturas sociais.

Esta forma de pluralismo muito se assemelha a compreensão filosófica de tolerância, na aceitação das múltiplas verdades. De fato, uma tolerância pós-

moderna necessariamente validaria os mais variados pontos de vista. Desta forma, cada cultura possui necessariamente a sua verdade, a sua compreensão e leitura da realidade, e todas devem ser valorizadas. No entanto, cabe ressaltar a crítica anterior, a aceitação não pode se limitar ao pronunciamento e celebração da diversidade, mas deve atuar diretamente na luta política pelo protagonismo social das minorias.

Para Neira (2007), as concepções de Educação Física baseadas na teorização de Daolio e, particularmente interessante para este texto, nos PCN's, são destacadamente pluralistas por defender a diversidade sem, no entanto questionar o que deve ser ensinado. A tolerância pretendida nestas concepções, na compreensão do autor, é o não-confronto com a construção política-histórica da diferença. Interessante ressaltar neste ponto que, longe da compreensão utilitarista de tolerância do monoculturismo, a intenção do ato de tolerar nas propostas pluralistas busca o apoio das minorias. No entanto, sua ação pode ser caracterizada como ingênua.

A próxima classificação de multiculturalismo, o multiculturalismo essencialista de esquerda, é descrito por McLaren (1997) como uma luta pelas minorias que desconsidera as diferenças culturais. A luta pela política identitária, neste sentido, fica prejudicada pela concepção estática e essencializada do conceito de identidade. Novamente encontramos paralelo nas concepções de Bobbio do ato de tolerar, quando o mesmo critica a adoção de uma tolerância atrelada a idéias. Se considerarmos determinadas idéias essencializadas e únicas com direito a tolerância, estamos somente substituindo uma verdade por outra, num ato muito mais próximo a intolerância. O mesmo acontece com a política essencializada de esquerda na questão multicultural, pois, ao buscar a luta contra os favorecimentos de uma parcela da população, procura impor uma nova identidade dominante, desconsiderando a possibilidade das múltiplas identidades que compõe o quadro social e cultural.

Por fim, adentramos a concepção de multiculturalismo crítico, uma alternativa apoiada por Neira e Nunes (2009) na concepção de uma Educação Física Escolar interessada em forjar alianças contra as estruturas de dominação. Segundo Neira (2007), o multiculturalismo deve parte de sua origem aos movimentos reivindicatórios civis nos Estados Unidos a partir da década de 1960.

Assim, o prefixo *multi* é adotado em conjunto com a expressão cultura para abarcar diversos grupos, na luta contra a supremacia branca.

O multiculturalismo crítico não aceita a neutralidade, norteador suas práticas de forma comprometida com a transformação social em favor dos grupos subjugados. Para tanto, busca uma análise profunda das dinâmicas do poder e seus entrelaçamentos na cultura, na forja de identidades desejadas e manipulação de estruturas sociais para propósitos hegemônicos. Sua atuação deve ocorrer não somente junto às minorias, mas igualmente sobre as categorias historicamente alheias a luta por se encontrarem em posições confortáveis, sem, no entanto comporem as elites que governam a configuração social.

Tolerar, nesta concepção multicultural, está intimamente relacionada com o *continuum* de Bobbio, não se tratando de defender uma tolerância sem fim que abranja todas as idéias. O ato de tolerar está intimamente ligado sobre os critérios utilizados para a exclusão de determinadas idéias, assim tolera-se inúmeras concepções de mundo, mas não se tolera as concepções de mundo que colocam um grupo cultural como superior e com posicionamento privilegiado na composição social. Desta forma, ampliam-se as diversas compreensões de multiculturalismo e tolerância, ferramentas importantes para a defesa de um currículo alinhado com os anseios de uma sociedade baseada na equidade.

Como demonstração deste continuum, novamente recorreremos a Fischmann (2001), com a afirmação de que tolerar em busca da paz traz em seu bojo o ato de intolerar: a violação dos direitos, a injustiça, a desigualdade, a violência em todas as suas formas.

No entanto, persiste uma crítica ao termo multiculturalismo. O prefixo que compõe a palavra vem do latim *multu*, designativo de muito, muitas vezes. Assim, deixa claro que estamos falando de muitas culturas, muitos valores, muitas visões de mundo. No entanto, existe a possibilidade que esta denominação classifique diversos grupos culturais e categorize os indivíduos sem a devida consideração pelas singularidades. Apesar do compartilhamento de valores e algumas características físicas reforçarem as identidades grupais, cada indivíduo é composto por características únicas que não podem ser classificadas de formas abrangentes, mesmo com critérios altamente especializados.

Hall (2001) aprofunda esta questão da identidade ao identificar aspectos fragmentários e descentralizados na contemporaneidade. O sujeito atualmente está sujeito a múltiplas representações, pois as estruturas sociais não fornecem os mesmos apoios estáveis, como a igreja, o estado e a família. O processo globalizador trouxe em sua esteira revoluções tecnológicas com profundas implicações para a percepção do tempo e do espaço, colaborando para colocar em xeque identidades relativamente estáveis e sólidas. Da mesma forma, o mesmo indivíduo pode se identificar com posições antagônicas, complexas, complementares ou simplesmente diferentes.

Portanto, quando nos referimos aos grupos culturais, simplesmente realizamos uma abstração que não compreende toda a complexidade das singularidades. Não se trata de abrir mão de categorias de análise valiosas em um cenário macro, e sim de problematizar uma abordagem que não compreende toda a complexidade da temática das singularidades, da relação do particular com o global.

Assim, se o multiculturalismo crítico considera o pluralismo uma análise ingênua que deixa intacta as estruturas do poder, por sua vez o termo pluralidade abarca uma complexidade deixada a largo pelas análises multiculturais. Multiculturalismo, apresentado desta forma, seria uma espécie de “mais do mesmo”, como a tradição dos estadunidenses em denominar diversos grupos culturais seguido da palavra *american*: asian-american, afro-american, etc.

Como forma de finalizar o texto, no entanto somente esboçando uma conclusão, acreditamos na necessidade de mais leituras e reflexões para ampliar a questão da tolerância, multiculturalismo e pluralidade cultural. Por hora, tanto as críticas multiculturais à ingenuidade da pluralidade, quanto as críticas da pluralidade à redução multicultural parecem dignas de maiores estudos. As constantes revisões conceituais são necessárias para suportar as rápidas alterações na sociedade, na cultura e, conseqüentemente, no âmbito escolar. Para estar apto a enfrentar os desafios diários, o professor deve estar munido de um aporte teórico que embase a sua prática, e tal embasamento teórico deve estar atento a tais transformações.

Bibliografia

BOBBIO, N. *A era dos direitos*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1992.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A. 6ª edição, 2001.

NEIRA, M. G. *Ensino de Educação Física*. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. *Pedagogia da cultura corporal*. São Paulo: Phorte, 2006.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. *Educação Física, Currículo e Cultura*. São Paulo: Phorte, 2009.

SILVA, T. T. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.